



# Tecnologia

## O sector onde o que falta são os candidatos

Há emprego mas faltam candidatos. É este o cenário nacional na área das tecnologias de informação

CÁTIA MATEUS



"O sector das Tecnologias de Informação (TI) em Portugal só não tem pleno emprego porque é vítima de um fenómeno que contraria todas as estatísticas: possui cinco a oito mil vagas por preencher (os estudos e relatórios públicos variam entre este intervalo de estimativa), porque não existem candidatos em número suficiente e com as competências necessárias". É desta forma que Patrícia Fernandes, diretora de Marketing e Comunicação da Microsoft em Portugal, resume o estado da empregabilidade num sector que tem como principal desafio atrair, qualificar e reter talento. A dois dias do início da última feira virtual de emprego da iniciativa Portugal a Recrutar, com início a 19 de outubro e dedicada ao recrutamento de perfis na área das TI e engenharia, o Expresso reuniu os responsáveis de recrutamento de algumas das empresas do sector numa reflexão conjunta sobre o mercado laboral na área.

Há vagas, há vontade de contratar, mas uma imensa dificuldade em encontrar os perfis com as competências certas para a exigência das funções. Na Microsoft e na Critical Software, a convicção é de que, pese embora a qualidade da formação que lhes é reconhecida e que tem atraído a atenção dos recrutadores estrangeiros sobre os engenheiros portugueses em várias especialidades, "o sistema de ensino não está a produzir profissionais com as competências adequadas ao que o mercado de trabalho necessita", explica Patrícia Fernandes, nem na quantidade de que necessita, realça Isabel Casaca Martins, a diretora de recursos humanos (RH) da Critical Software para quem, "as universidades portuguesas,

não obstante serem de elevada qualidade, não têm capacidade de resposta às necessidades de recrutamento do sector, que são exponenciais".

A esta equação, o presidente da Ordem dos Engenheiros — Região Norte (OERN), Fernando de Almeida Santos, acrescenta um fator: o afastamento dos jovens portugueses da área das engenharias, no momento de integrar o ensino superior. Ainda que a tendência de afastamento esteja a inverter-se — o ligeiro aumento da procura de cursos de engenharia no último concurso nacional de acesso ao ensino superior demonstra-o — o presidente da OERN reconhece que a "fuga" das engenharias, sobretudo das mais tradicionais como a civil, é uma das principais preocupações da ordem. Tanto mais que a instituição estima que "nos próximos cinco anos venha a ser necessário que saiam das universidades portuguesas entre 350 a 400 engenheiros civis para dar resposta às necessidades do país". Um fosso que se expande ao universo tecnológico.

### Entre a técnica e a atitude

Para José Vilarinho, diretor-executivo da Opensoft, com exceção do período entre 2010 e 2012 em que o sector sofreu uma retração, a tendência de evolução indicia uma dinâmica crescente que se tem feito acompanhar por um aumento da procura de profissionais com competências muito específicas que não resumem apenas aos aspetos de conhecimento técnico. "O que procuramos são perfis de engenheiros de software que tenham a combinação certa de conhecimento tecnológico e de *soft skills* (competências comportamentais)", explica.

Uma combinação que nem sempre é fácil, muito embora algumas universidades já a tenham identificado como vital na perspetiva da empregabilidade dos seus alunos. A Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova, por exemplo, tem há três anos em funcionamento um novo sis-



Atrair e reter talento é o principal desafio na área das tecnologias FOTO NUNO BOTELHO

tema curricular e pedagógico, onde a componente técnica é trabalhada em simultâneo com as valências comportamentais, como a comunicação, a gestão do tempo, a ética e deontologia profissionais ou a apresentação pessoal. O programa incide anualmente sobre um universo de sete mil estudantes da instituição e segundo Fernando Santana, diretor da faculdade, "já permitiu um aumento do sucesso escolar na ordem dos 10%, além do contributo que dá para a melhor preparação e integração dos alunos no mercado", reforça.

Procurando colmatar as lacunas identificadas no sistema de ensino nacional nestas matérias e dar resposta às necessidades constantes de atualização de conhecimento que o sector exige, várias empresas têm vindo a estruturar academias de formação internas, destinadas a formatar os melhores técnicos para as práticas diárias do sector e da própria organização. A Gfi é disso um exemplo. Isabel Ribeiro, diretora de RH, prevê para 2016 cerca de 200 novas contratações, depois de ter integrado este ano 143 profissionais. "A aposta na formação e na requalificação de profissionais é mandatória", realça enfatizando a

importância que a Gfi Academy (a estrutura de formação da empresa) tem na estrutura da empresa, num sector onde "a requalificação do capital humano é fundamental para minimizar problemas relacionados com a escassez de determinadas competências".

### Onde estão as oportunidades?

Áreas de desenvolvimento aplicacional (.Net, Sharepoint, PHP, Java), gestão técnica de projetos e plataformas (SAP Basis, Middleware, Virtualização, Storage), mas também de suporte, administração de Bases de Dados, usabilidade, programação, desenvolvimento de software e muitas outras posicionam-se entre as mais dinâmicas nas contratações num sector onde os salários, pese embora algumas áreas onde foi nítido um ajuste salarial, se mantêm acima da média do mercado. "Em algumas áreas como as infraestruturas e suporte ao utilizador, houve ajuste salarial nos últimos tempos. Porém, em quase todas as outras, os bons profissionais viram os seus vencimentos valorizar", explica Nuno Martins, diretor de operações da tecnológica Deeskill.

Um cenário que também para Gonçalo Mousinho, diretor-executivo da PrimeIT, transforma o sector numa oportunidade de carreira aliciante. "Apesar da conjuntura económica atual e de os vencimentos salariais estarem em termos generalizados estagnados, a área de TI acaba por ser uma área privilegiada, uma vez que a média de salários continua a ser muito aliciante quando comparada com outras áreas não tecnológicas", explica. A este fator Maria João Gomes, líder de People Culture da Sonae Sistemas de Informação, acrescenta o alicante da globalização profissional, sobretudo em segmentos com o da cibersegurança, um dos mais dinâmicos em recrutamento na empresa e aquele que reúne o interesse de um número crescente de profissionais. "O mercado é absolutamente global. As pessoas não têm sequer de 'sair', há uma menor noção de local de trabalho e o seu alcance não tem fronteiras", explica enfatizando que a maioria destas equipas são muitas vezes "100% virtuais" e trabalham a partir de qualquer local, seja em casa, na empresa ou noutra qualquer continente.

cmateus.externo@impresa.pt

## O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS



“Até as engenharias tradicionais enfrentam agora novas rotas de desenvolvimento e, portanto, novas vias de empregabilidade”

FERNANDO DE ALMEIDA SANTOS  
Presidente da OERN



“O sector das TI em Portugal só não tem pleno emprego porque é vítima de um fenómeno que contraria todas as estatísticas”

PATRICIA FERNANDES  
Diretora de Marketing e Comunicação da Microsoft Portugal



“O principal desafio é conseguir o equilíbrio entre um bom conhecimento técnico e fortes competências sociais”

JOSÉ VILARINHO  
CEO da Opensoft



“A educação produzida nas universidades, apesar da elevada qualidade, não tem capacidade de resposta às necessidades de recrutamento das TI”

ISABEL CASACA MARTINS  
Diretora de RH da Critical Software



“As TI deixaram de ser uma mera estrutura de suporte ao negócio das empresas para se tornarem um elemento central do próprio negócio”

NUNO MANUEL MARTINS  
Diretor de Operações da Deeskill



“O sector das tecnologias de informação é resistente à austeridade, tanto pela sua natureza inovadora como empreendedora”

ISABEL RIBEIRO  
Diretora de RH da Gfi Portugal